

VAMOS CONVERSAR?

CARTILHA DE ENFRENTAMENTO DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA
E FAMILIAR CONTRA AS MULHERES



A **Defensoria Pública**, por meio do Núcleo de Defesa da Mulher, orienta as mulheres sobre seus direitos e presta assistência jurídica integral e gratuita a quem comprova ser hipossuficiente.

Endereço: SGAN 601, lote J, Brasília-DF

Telefone: (61) 3226-0458

O **Ministério Público** tem como missão promover a justiça, a democracia, a cidadania e a dignidade humana, atuando para transformar em realidade os direitos da sociedade. O Núcleo de Gênero Pró-Mulher tem como objetivo o enfrentamento e a prevenção da violência doméstica e familiar contra a mulher.

Endereço:

Núcleo de Gênero Pró-Mulher/MPDFT

Eixo Monumental, Praça do Buriti, lote 2, Sede do MPDFT, sala 144

Telefones: (61) 3343-6086/(61) 3343-9625

Fax: (61) 3343-9948

A **ONU Mulheres** é a organização das Nações Unidas dedicada à igualdade de gênero e ao empoderamento das mulheres. Liderança global para os direitos de mulheres e meninas, a ONU Mulheres foi criada para acelerar o progresso delas na satisfação de suas necessidades em todo o mundo. A ONU Mulheres apoia os Estados-Membros das Nações Unidas, a definir padrões globais para alcançar a igualdade de gênero, e trabalha com governos e sociedade civil para elaborar leis, políticas, programas e serviços necessários para implementar estes padrões. Promove a participação igualitária das mulheres em todos os aspectos da vida, com foco em cinco áreas prioritárias: aumentar a liderança e participação das mulheres; combater a violência contra as mulheres; envolver as mulheres em todos os aspectos dos processos de paz e segurança; reforçar o empoderamento econômico das mulheres; e fazer a igualdade de gênero central para o desenvolvimento, planejamento e orçamento nacionais. A ONU Mulheres também coordena e promove o trabalho do Sistema das Nações Unidas na promoção da igualdade de gênero.

Endereço: Casa da ONU, Complexo Sérgio Vieira de Mello
SEN, quadra 802, conjunto C, lote 17 – Brasília-DF – Brasil

Telefone: (61) 3038-9153

A **Secretaria Adjunta de Políticas para as Mulheres, Igualdade Racial e Direitos Humanos (SAMIDH)** elabora e promove políticas voltadas para segmentos historicamente invisibilizados nas políticas públicas – mulheres, populações negra, indígena, cigana e minorias étnicas; pessoas com deficiência, pessoas idosas, pessoas em situação de rua e pessoas LGBTQs, visando uma Brasília que saiba conviver, respeitar e incluir.

Endereço: Anexo do Palácio do Buriti, 8º andar – Brasília-DF

Telefones: (61) 3403-4903/(61) 3403-4904

O **Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios - TJDF**, por intermédio do **Centro Judiciário de Solução de Conflitos e Cidadania da Mulher em Situação de Violência Doméstica e Familiar (CJM)**, tem a missão de proporcionar à sociedade o acesso à justiça e a resolução dos conflitos, por meio de um atendimento de qualidade, promovendo a paz social. O CJM do TJDF busca um modelo de atuação judicial que favoreça o pleno atendimento à Lei Maria da Penha.

Endereço: SGAN 601, lote J, Brasília-DF

Telefones: (61) 3103-7726/(61) 3103-7718

1ª EDIÇÃO

© 2016 ONU Mulheres

Todos os direitos reservados.





SÉRIO?



AMOR DEMAIS, NÉ?



BEM-VINDA, LAURA!
SENTA AQUI COM A GENTE!



SOBRE
O QUE
VOCÊS
ESTÃO
CONVER-
SANDO?



A HELENA TAVA
COMEÇANDO UM
CASO AQUI AGORA,
NÉ?

SIM. FOI UMA ÉPOCA
MUITO DIFÍCIL DA
MINHA VIDA QUE QUERIA
COMPARTILHAR COM
VOCÊS...



Pouca gente sabe
que eu era casada
antes de me
mudar para cá.

O Fernando
era lindo,
cavalheiro,
bem-sucedido...



Todos diziam que
éramos o casal
perfeito, como o
de um filme.

Quando engravidei,
ele disse para eu
parar de trabalhar
para cuidar melhor de
mim e do Davi.

Ele disse que não
deixaria que nada nos
faltasse e eu larguei
meu emprego. Quando
o Davi nasceu, pude
me dedicar totalmente
a ele.

O Fernando me tratava
como uma rainha.



Eu me culpei quando as coisas começaram
a esfriar entre a gente. Se ele chegava
cansado do trabalho, devia ser porque tinha
que trabalhar a mais para nos manter.

Então, quando o Davi entrou
na escolinha, eu voltei a
trabalhar na parte da tarde.
O Fernando não gostou
nem um pouco disso.

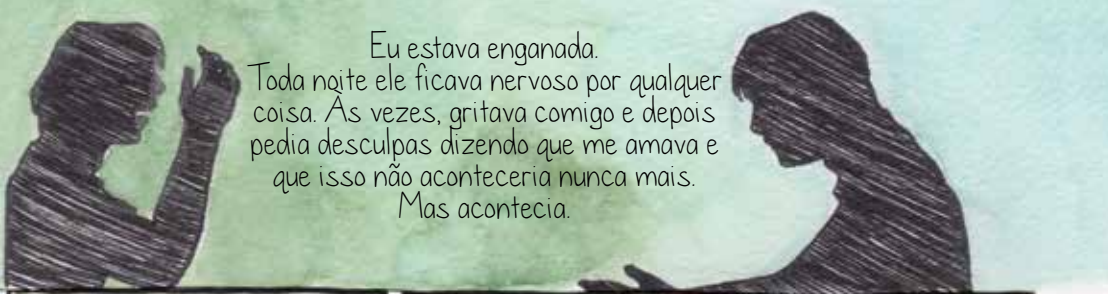
MESMO TRABALHANDO,
VOCÊ PODERIA TER SE
DEDICADO AO DAVI. PRA
ISSO SERVE A LICENÇA-
MATERNIDADE...



MAS EU
ACHEI QUE
FOSSE
A COISA
CERTA A
FAZER.



Eu achei que, se as coisas
voltassem ao normal,
nosso amor se reacqueceria
e ele não ficaria mais
nervoso e nem me trataria
com frieza.



Eu estava enganada.
Toda noite ele ficava nervoso por qualquer coisa. Às vezes, gritava comigo e depois pedia desculpas dizendo que me amava e que isso não aconteceria nunca mais.
Mas acontecia.



QUE SITUAÇÃO HORRÍVEL, AMIGA! FOI AÍ QUE VOCÊ SE DIVORCIOU?

INFELIZMENTE, NÃO, CAMILA. EU AINDA NÃO CONSIDERAVA DIVÓRCIO UMA OPÇÃO.

NINGUÉM NUNCA HAVIA SE DIVORCIADO NA MINHA FAMÍLIA, E TIVE MEDO DO QUE IRIAM PENSAR SOBRE MIM.



EU TINHA ME CASADO COM O PRÍNCIPE ENCANTADO! COMO EU PODERIA SIMPLEMENTE DESISTIR DELE? NA MINHA CABEÇA, DIVÓRCIO ERA COMO UMA FRAQUEZA!

ALÉM DISSO, TIVE MEDO DE COMO O DAVI IRIA REAGIR.

ENTÃO, EU DECIDI LUTAR PELO MEU CASAMENTO.

Um dia, um amigo do trabalho me deu carona de volta pra casa porque meu carro tinha quebrado.

O Fernando ficou furioso, estava louco de ciúme! Nós discutimos, e ele me deu um empurrão. Foi quando eu vi o Davi. Nossos gritos o acordaram, e ele veio ver o que estava acontecendo.



Eu mandei o Fernando parar, mas ele não me ouvia mais e me deu um soco no rosto. Acho que ele só parou porque ouviu o Davi chorando.

Aquele foi o momento em que eu vi que meu casamento já tinha acabado há muito tempo. Naquela noite, peguei o Davi e fomos pra casa da minha mãe.



NOSSA, AMIGA...



MAS AINDA TEVE MAIS...

Quando eu dei entrada nos papéis de divórcio, ele começou a me ameaçar. Me ligava, mandava recados, às vezes me esperava na saída do trabalho... Teve uma vez que ele buscou o Davi na escolinha sem me avisar e me deixou sem notícias dele a noite toda! Foi horrível, achei que meu filho tinha sido sequestrado!



No final, consegui o divórcio e a guarda do Davi, mas continuava com muito medo. Resolvi abandonar tudo e mudar de cidade. Eu e o Davi começamos uma vida nova aqui. Como ele era muito pequeno na época, ele se lembra pouco do que aconteceu.



E VOCÊ NÃO QUIS DENUNCIAR?



INFELIZMENTE, A LEI MARIA DA PENHA AINDA NÃO EXISTIA NAQUELA ÉPOCA.



EU QUERIA ENTENDER MELHOR ESSA LEI...



Lei Maria da Penha

Segundo a Lei nº 11.340/06, em seu artigo 5º, a violência doméstica e familiar contra a mulher é "qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial" quando praticada no âmbito da unidade doméstica, da família ou em qualquer relação íntima de afeto.

QUALQUER MULHER QUE SEJA VÍTIMA DE VIOLÊNCIA PODE SER PROTEGIDA PELA LEI.

ESSA VIOLÊNCIA PODE VIR TANTO DE UM HOMEM QUANTO DE OUTRA MULHER, CONTANTO QUE EXISTA A CONVIVÊNCIA ÍNTIMA OU DOMÉSTICA.

PODE SER ALGUÉM DA FAMÍLIA, COMO PAI, MÃE, IRMÃOS, OU MESMO UM(A) CUIDADOR(A). PODE SER O PATRÃO OU PATROA QUE CONVIVAM NO MESMO AMBIENTE DOMÉSTICO. PODE AINDA SER UM(A) NAMORADO(A) OU EX, ESPOSO (A) OU ATÉ COLEGA DE QUARTO.

QUANDO SOFRI VIOLÊNCIA DOMÉSTICA, EU DEIXEI TUDO PARA TRÁS PARA RECOMEÇAR A VIDA ME SENTINDO **SEGURA**, MAS ELE **NUNCA** FOI RESPONSABILIZADO PELO QUE ME FEZ.



NÃO É JUSTO QUE EU SOFRA SOZINHA PELOS ERROS DELE. NÃO CARREGUEM ESTE PESO SOZINHAS. BUSQUEM AJUDA, DENUNCIEM, DEIXEM QUE O AGRESSOR RESPONDA POR SEUS ATOS. **NADA DISSO É CULPA SUA!**



E É IMPORTANTE PENSARMOS MAIS SOBRE A VIOLÊNCIA FÍSICA, QUE É MUITO MAIS DO QUE UM TAPA, UM CHUTE OU UM SOCO.

TEVE UMA VEZ, ANTES DO FERNANDO ME BATER, QUE ELE GRITOU COMIGO E CUSPIU NA MINHA CARA. NA ÉPOCA, EU NÃO ACHEI QUE ERA CASO DE VIOLÊNCIA PORQUE NÃO FICARAM MARCAS VISÍVEIS. **MAS A VIOLÊNCIA VAI MUITO ALÉM DE UM OLHO ROXO.**

ALGUNS EXEMPLOS DE VIOLÊNCIA FÍSICA:

- FOI EMPURRADA;
- FOI SEGURADA PELO BRAÇO DE FORMA AGRESSIVA;
- PUXARAM SEU CABELO;
- FOI BELISCADA;
- TEVE SUA ROUPA ARRANCADA À FORÇA.

FIQUE ATENTA, POIS ESSES COMPORTAMENTOS PODEM EVOLUIR PARA AGRESSÕES MAIS PERIGOSAS, COMO:

- SURRAS;
- USO DE AMARRAS;
- CORTES;
- MORDIDAS;
- SOCOS E CHUTES;
- ESTRANGULAMENTO;
- QUEIMADURAS;
- FORÇAR A INGERIR REMÉDIOS, BEBIDAS OU DROGAS;
- E VÁRIAS OUTRAS.



Isso já faz oito anos. Eu tinha acabado de chegar na cidade com minha filha, Jéssica. Eu comecei a trabalhar na casa do seu Cláudio e da dona Mariana na mesma semana. Eles tinham um quarto nos fundos pra gente morar, eram mais velhos e não tinham filhos.

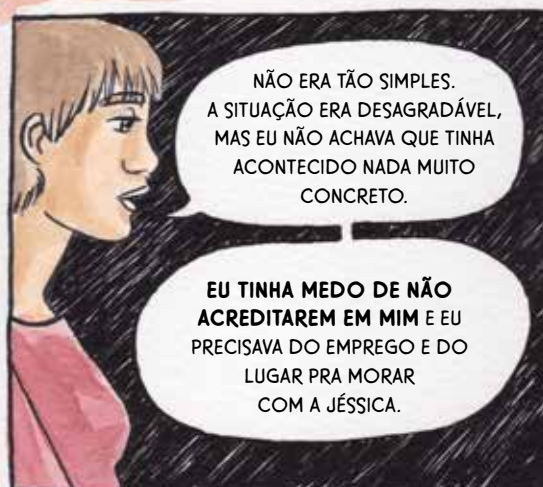
Pareciam pessoas boas.

Com alguns meses trabalhando lá, eles já diziam que eu era parte da família. Aquilo me incomodava porque eu estava ali como trabalhadora.



O seu Cláudio, ao contrário da mulher, era aposentado e ficava o dia todo em casa. A gente conversava muito, e ele sempre falava o quanto estava infeliz no casamento. Um dia, ele começou a me dar presentes.

Eu me sentia muito desconfortável nessas situações, aquilo não me parecia certo.



A situação foi piorando aos poucos. Ele começou a me tocar de forma diferente e eu ficava cada vez mais constrangida, até que, um dia, não deu mais para ignorar.

Foi uma noite que dona Mariana demorou a chegar. Ele forçou a entrada no meu quarto, me apalpou inteira e me mostrou o órgão sexual. Chegou a me oferecer dinheiro em troca de sexo.



Ser, de alguma forma, obrigada a manter, presenciar ou participar de relações sexuais, ou a se prostituir é **violência sexual**.

Ser impedida de usar métodos contraceptivos ou forçada ao matrimônio, gravidez ou aborto também.

Existem outras situações, além dessas. No meu caso, eu sofri assédio, que também é violência.

FUI ASSEDIADA SEXUALMENTE PELO
MEU PATRÃO. POR MUITO TEMPO,
TENTEI ENTENDER ONDE FOI QUE
EU TINHA ERRADO.



HOJE, ENTENDO QUE A CULPA
NUNCA FOI MINHA! EU TENHO
DIREITO À DIGNIDADE E AO RESPEITO
EM QUALQUER SITUAÇÃO,
ASSIM COMO QUALQUER
OUTRA PESSOA!





Crescer com uma deficiência física não foi fácil. Além da falta de acessibilidade em toda parte, foi difícil, para mim, manter a autoestima.

Eu nunca me identifiquei com as mulheres do cinema ou das capas de revista.

Eu nunca tinha tido nenhuma experiência romântica que tivesse sido boa para mim.

Até hoje, não sou vista como "mulher para namorar e casar".

*Fonte: Instituto Avon/Data Popular, 2014.



A gente não se via todo dia: o Zé passava lá em casa umas duas ou três vezes por mês. Sempre terminava em sexo, mas eu nunca tinha sentido prazer.

Eu achava que eu é que estava fazendo alguma coisa errada e que da próxima vez seria melhor.

O Zé também costumava me colocar em posições que eram desconfortáveis para mim, mas eu não queria atrapalhar o prazer dele, então eu deixava.





Às vezes, ele me chamava de "anormal" ou "inválida", sempre em tom de brincadeira. Quando reclamei, ele me acusou de não ter **senso de humor**.

Vi que a relação não tava legal e tentei conversar. Ele riu e disse que era melhor aguentar, porque "ninguém mais iria me querer".



EU **ODEIO** ESSAS "BRINCADEIRAS"!



O MIGUEL OUTRO DIA ME CHAMOU DE BALEIA E FALOU QUE ERA "BRINCADEIRA"!



QUANDO QUESTIONEI, ELE DISSE QUE EU ESTAVA "EXAGERANDO"!



OU SEJA, O CARA TE **FALTA COM RESPEITO** E VOCÊ QUE SAI COMO A VILÃ DA HISTÓRIA!

OLHA QUE **INVERSÃO!** TÁ TUDO **ERRADO!**



Depois, eu entendi que isso é um tipo de **violência psicológica**.

Ofensas disfarçadas de brincadeiras, humilhações, críticas sobre tudo o que fazemos... Ou quando tentam controlar nossa forma de vestir, comer, pensar ou nos expressarmos...

Quando nos vigiam, nos ameaçam, chantageiam; quando nos isolam dos nossos amigos e familiares... **Tudo isso é violência psicológica.**



E ISSO ACONTECE DE UMA FORMA TÃO CRUEL QUE A GENTE ACREDITA QUE MERECE ESSE TIPO DE TRATAMENTO OU QUE É NOSSA CULPA.



NÃO É TÃO GRAVE QUANTO AS HISTÓRIAS DAS MENINAS, MAS EU TAMBÉM JÁ ME SENTI ASSIM... SERÁ QUE EU FALO?



UMA VEZ EU COMENTEI SOBRE O QUE EU TAVA SENTINDO COM UMA VIZINHA. SABEM O QUE ELA DISSE?

"A GENTE TEM QUE AGUENTAR MESMO, ANTES MAL-ACOMPANHADA DO QUE SÓ!"



ISSO ACONTECE, MESMO! QUANDO O FERNANDO GRITAVA COMIGO, O QUE VOCÊS ACHAM QUE A VIZINHANÇA FALAVA? EU SÓ IMAGINO! MAS **NINGUÉM MERECE VIOLÊNCIA ALGUMA!**

"em briga de marido e mulher, não se mete a colher"

"um tapinha não dói!"

"ela gosta de apanhar!"

"apanha porque merece!"

"ele pode não saber por que está batendo, mas ela sabe por que está apanhando!"

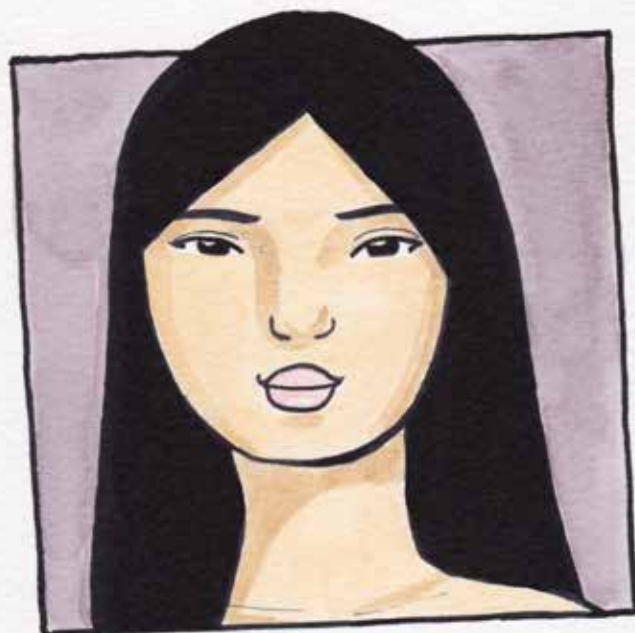


Quando terminei o namoro, o Zé ficou bravo e disse que eu não tinha como "correr" dele.

Fiquei com medo do que ele podia fazer e denunciei. Depois fiquei sabendo que ele também tinha feito isso com outra mulher que tinha um pé amputado, e ela também denunciou.

Sei que, quando a mulher tem alguma deficiência, a pena do agressor pode ser aumentada em até 30 %.

MUITA GENTE DIZ QUE “EM BRIGA
DE MARIDO E MULHER NÃO SE
METE A COLHER” OU QUE “TEM
MULHER QUE GOSTA DE APANHAR”.



ESTAS SÃO GRANDES MENTIRAS.
NENHUMA MULHER GOSTA
NEM MERECE VIVER NUMA
RELAÇÃO VIOLENTA.



Eu e minha mãe nunca nos demos bem, mesmo morando na mesma casa. Quando eu tinha uns 18 anos, ela arranhou um namorado superesquisito. Com uns três meses de namoro, ele foi morar com a gente.

O cara sempre me tratou mal por ser lésbica. Ele me xingava, falava com os vizinhos que eu era puta, "uma vagabunda imoral que não valia nada e só dava despesa".

Isso, por si só, já era **violência moral**, mas naquela época eu não sabia nada sobre a Lei Maria da Penha.

Como se não bastasse, ele sempre me olhava de um jeito estranho.

HOJE, EU SEI QUE **VIOLÊNCIA MORAL** É QUANDO SOMOS VÍTIMAS DE OFENSAS, CALÚNIAS, XINGAMENTOS, DIFAMAÇÕES E INJÚRIAS; QUANDO SOMOS HUMILHADAS PUBLICAMENTE OU ATÉ MESMO ACUSADAS DE UM CRIME QUE NÃO COMETEMOS.



Um dia, minha mãe não estava em casa, e ele entrou no meu quarto dizendo que eu era "errada" porque ainda não tinha conhecido um "homem de verdade".

Naquela tarde, ele me estuprou e disse que voltaria se aquilo não me "endireitasse".

Mesmo com medo, eu contei tudo pra minha mãe, mas ela ficou do lado dele e disse que eu estava inventando tudo.

Eu estava desesperada para sair de casa, mas era economicamente dependente da minha mãe. Foi aí que conheci a Vanda, uma mulher doze anos mais velha do que eu, compreensiva e independente.

A gente ainda não tinha muito tempo de namoro, mas ela sabia o que eu estava passando e me chamou para morar com ela. Disse que me ajudaria enquanto eu precisasse.



Parecia a salvação no início, mas depois eu tive vários problemas com a Vanda. Ela era controladora, possessiva... Começou a invadir meus e-mails, olhar meu celular e me isolar dos meus amigos.

Mas aí eu já conhecia melhor meus **direitos**, já trabalhava e ganhava o meu dinheiro. Eu terminei com ela e fui morar numa pensão.

Se ela tivesse me perseguido igual ao ex da Helena, eu teria denunciado, porque **a lei também age em relações homoafetivas entre mulheres.**



ALGUNS COMPORTAMENTOS VIOLENTOS SE
DISFARÇAM DE AMOR E CUIDADO E NEM
SEMPRE A GENTE PERCEBE QUE ESTÁ NUMA
RELAÇÃO ABUSIVA.



PENSE SE A RELAÇÃO TE TRAZ FORÇA E
ALEGRIA OU MEDO E ANGÚSTIA.
VOCÊ MERECE UM RELACIONAMENTO
QUE TE IMPULSIONE A
CRESCER E SER FELIZ!





EU TAMBÉM TENHO
UMA VIVÊNCIA QUE
QUERO DIVIDIR
COM VOCÊS.



NÃO É FÁCIL,
PARA MIM, FALAR
SOBRE ISSO, MAS
ME SINTO SEGURA
COM VOCÊS.



Como mulher transexual, eu sempre
tive que enfrentar uma série de
desafios diários para conseguir
vivenciar minha identidade nas
coisas mais básicas do cotidiano.



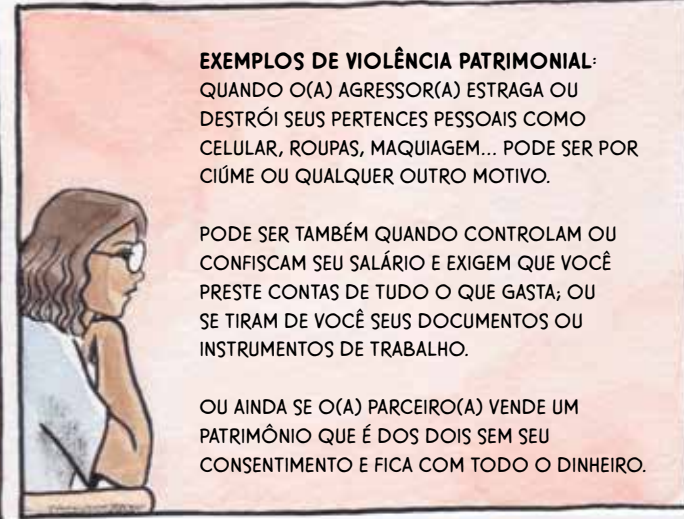
Eu cresci numa família tradicional e conservadora
que nunca foi solidária com meus sentimentos e,
por isso, eu era constantemente desrespeitada.

Um dia, minha mãe entrou no meu quarto
enquanto eu estava no cursinho. Quando
eu voltei, ela tinha rasgado meus vestidos,
destruído minhas maquiagens e quebrado
todos os meus objetos que ela identificou
como "de mulher".



ISSO É
VIOLÊNCIA
PATRIMONIAL,
NÃO É,
JÚLIA?

SIM!



EXEMPLOS DE VIOLÊNCIA PATRIMONIAL:
QUANDO O(A) AGRESSOR(A) ESTRAGA OU
DESTRÓI SEUS PERTENCES PESSOAIS COMO
CELULAR, ROUPAS, MAQUIAGEM... PODE SER POR
CIÚME OU QUALQUER OUTRO MOTIVO.

PODE SER TAMBÉM QUANDO CONTROLAM OU
CONFISCAM SEU SALÁRIO E EXIGEM QUE VOCÊ
PRESTE CONTAS DE TUDO O QUE GASTA; OU
SE TIRAM DE VOCÊ SEUS DOCUMENTOS OU
INSTRUMENTOS DE TRABALHO.

OU AINDA SE O(A) PARCEIRO(A) VENDE UM
PATRIMÔNIO QUE É DOS DOIS SEM SEU
CONSENTIMENTO E FICA COM TODO O DINHEIRO.



Voltando à história, aquele episódio me
deixou arrasada, mas a agressão não
parou por aí. Teve uma noite que eu estava
chegando em casa e ela avançou em mim.

Ela disse que queria "o menino dela de volta
de qualquer jeito". Ela arrancou minhas roupas
à força e cortou meu cabelo contra minha
vontade enquanto meu pai me segurava.



FOI A PIOR NOITE DA MINHA VIDA.

Sei que a lei também protege mulheres trans, mas na
época eu ainda não tinha conseguido mudar meu nome
e alterar meus documentos, de forma que não pude
denunciar baseada na Lei Maria da Penha.

Mas eu estava tão fragilizada, que não sei se
teria denunciado...



*Fonte: IBGE, 2013.

TODOS OS DIAS, EU ENFRENTO
A VIOLÊNCIA POR CAUSA DO
PRECONCEITO E DA DISCRIMINAÇÃO
CONTRA MULHERES TRANS.



MINHA LUTA CONTRA O MACHISMO E
A TRANSFOBIA É DIÁRIA, MAS
MINHA IDENTIDADE NÃO SE RESUME
AOS MEUS MOMENTOS DE DOR E
JAMAIS DESISTIREI DE MIM MESMA!



Minha mãe tem setenta e quatro anos e se chama Celina. Ela sempre morou na chácara da minha família.

Na verdade, eu venho de uma família de agricultores. Só eu e minha irmã que viemos para a cidade trabalhar com outras coisas.

Depois que o papai morreu, mamãe ficou morando com o Renato, nosso irmão mais velho, que passou a tomar conta da chácara.

De uns tempos para cá, a gente notou que a mamãe estava desanimada, com a voz fraca no telefone. E o Renato sempre falando que estava tudo bem, que era coisa da idade.

Um dia eu fui lá e estranhei algumas coisas.

As roupas dela estavam todas velhas, gastas... E ela sempre foi tão vaidosa! Na geladeira, não tinha quase nada.

Perguntei se ela estava precisando de dinheiro, se estava com problemas para receber a pensão... Ela só desconversava.





Quando fomos ver, o Renato estava pegando o cartão de mamãe pra comprar bebida! E ele usava quase todo o dinheiro dela, tinha dia que faltava até pão!

Mamãe já estava com princípio de depressão, mas não falava nada com a gente, não sei se por medo ou desgosto.

Também, sem vizinhos para apoiar, as filhas distantes, nenhuma delegacia nos arredores... Com certeza ela se sentiu muito desamparada.



ISSO TAMBÉM É VIOLÊNCIA PATRIMONIAL, NÉ?



COM CERTEZA, JU.



QUANDO PERCEBEMOS, EU E MINHA IRMÃ DENUNCIAMOS O RENATO E PEDIMOS A MEDIDA PROTETIVA NA HORA!



COMO FUNCIONA A MEDIDA PROTETIVA?



A MEDIDA PROTETIVA É UM RECURSO MUITO IMPORTANTE QUE PODE SER USADO EM QUALQUER CASO DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E PODE SER ESTENDIDA TAMBÉM AOS FILHOS E PARENTES DA VÍTIMA. NO NOSSO CASO, NÓS PRECISÁVAMOS DE UMA GARANTIA DE QUE O RENATO NÃO CHEGARIA NEM PERTO DA MAMÃE.



PRIMEIRO, PORQUE ELE ESTAVA SEMPRE BÊBADO E PODIA FICAR AGRESSIVO COM ELA.

SEGUNDO, PORQUE ELA NÃO ENXERGAVA O RISCO E NÃO QUERIA MANDÁ-LO EMBORA DE CASA.

TERCEIRO, ELA JÁ ESTAVA DEPRIMIDA, E ELE IA CONTINUAR USANDO TODO O DINHEIRO QUE ELA TINHA.



ENTÃO, O JUIZ DEFERIU A MEDIDA PROTETIVA, OU SEJA, DETERMINOU QUE O RENATO NÃO PODIA MAIS MORAR COM A MÃE E NEM SE APROXIMAR DELA.

SE ELE NÃO OBEDECER, PODE ATÉ SER PRESO.



AINDA BEM QUE VOCÊS PERCEBERAM O QUE ESTAVA ACONTECENDO!



IMAGINA SE NINGUÉM TIVESSE PERCEBIDO O PROBLEMA?



EU NÃO PERCEBI.



...o Miguel sempre foi muito protetor e eu achava romântico. Mas, ouvindo as histórias de vocês, reconheci uns comportamentos nele que não têm nada a ver com amor.

Uma vez, tivemos uma briga feia. Ele rasgou nossa foto, disse que eu tinha sorte dele estar comigo e me chacoalhou.



ALGUMAS COISAS
NÃO PODEM SER
REMENDADAS COM
FITA ADESIVA.

O IMPORTANTE É SABER
QUE PODE CONTAR COM A GENTE E,
SE QUISER, PODE TAMBÉM BUSCAR
ORIENTAÇÃO EM CENTROS DE
ATENDIMENTO ESPECIALIZADO.

VOCÊ NÃO TEM
QUE ENFRENTAR ISSO
SOZINHA!



E VOCÊ?

Assim como a Laura, **muitas mulheres se encontram em relacionamentos abusivos sem se darem conta disso**. Como geralmente existem muitos sentimentos envolvidos, pode ser difícil nos reconhecermos em uma relação que não nos faz bem. **Isso não é motivo para vergonha**, é algo que pode acontecer com qualquer pessoa.

Elaboramos, então, algumas perguntas que ajudam a analisar nossos relacionamentos de forma mais objetiva. **Marque apenas "sim" ou "não" nas situações abaixo, sem justificar as atitudes do(a) companheiro(a) ou familiar** – ou seja, não importa se “foi apenas uma vez” ou se “não é assim o tempo todo”. Confira o resultado na outra página.

PEGUE UMA CANETA E **MARQUE "SIM" OU "NÃO"** NAS SITUAÇÕES DESCRITAS ABAIXO, DE ACORDO COM SUAS PRÓPRIAS VIVÊNCIAS.

SEU COMPANHEIRO(A) OU FAMILIAR...

SIM NÃO

- ☐ ☐ ...vigia e/ou controla o que você faz?
- ☐ ☐ ...costuma demonstrar ciúmes com frequência?
- ☐ ☐ ...a proíbe de visitar familiares e de manter relações de amizade?
- ☐ ☐ ...a critica por qualquer coisa que faz, veste, come ou pensa?
- ☐ ☐ ...a proíbe, ou atrapalha, de trabalhar e/ou estudar ?
- ☐ ☐ ...a xinga ou humilha diante de familiares ou amigos?
- ☐ ☐ ...briga com você ou a critica sem motivos aparentes?
- ☐ ☐ ...a ameaça, faz chantagens e/ou a acusa de coisas que você não fez?
- ☐ ☐ ...controla o dinheiro e a obriga a prestar contas, mesmo quando você trabalha?
- ☐ ☐ ...já chegou a destruir seus objetos pessoais, de valor sentimental e/ou objetos da casa?

(CONTINUAÇÃO)

SEU COMPANHEIRO(A) OU FAMILIAR...

SIM NÃO

- ☐ ☐ ...diz que se você não for dele não será de mais ninguém, ameaçando-a caso o abandone?
- ☐ ☐ ...a atinge emocionalmente, fazendo com que você se isole e tenha vergonha de contar a alguém sobre a violência vivenciada?
- ☐ ☐ ...faz questão de lhe contar que tem arma de fogo ou a exhibe para você?
- ☐ ☐ ...já chegou a agredi-la fisicamente (bater, empurrar, chutar, beliscar, puxar o cabelo etc.)?
- ☐ ☐ ...já a agrediu (física ou verbalmente) diante de seus filhos?
- ☐ ☐ ...já a agrediu ou agrediu outro membro da família?
- ☐ ☐ ...já a agrediu utilizando objetos ou utensílios domésticos?
- ☐ ☐ ...a faz sentir culpada pela violência sofrida?
- ☐ ☐ ...a obriga a manter relações sexuais contra sua vontade ou se envolver em atos sexuais que você não aprecia?
- ☐ ☐ as brigas e as agressões estão ficando mais frequentes e mais graves?

Marcou uma ou mais situações?

Fique atenta!

Situações como essas sugerem que
você pode estar em uma situação de violência.
Mas você não precisa enfrentar isso sozinha!

BUSQUE AJUDA!

Existem centros de atendimento especializado onde você será ouvida e encontrará o apoio de que precisa. Você poderá contar sua história, terá todas as suas dúvidas respondidas e será orientada sobre como proceder.

Ninguém vai te obrigar a nada:
a escolha do que fazer será
sempre sua.



Existem vários pontos onde você pode encontrar orientação e apoio incondicional. Os Centros Especializados de Atendimento à Mulher - CEAMs e a Casa da Mulher Brasileira são ótimas opções para conhecer melhor seus direitos e encontrar apoio.

CASA DA MULHER BRASILEIRA

Localizada próxima à L2 na Asa Norte, em Brasília, a Casa da Mulher Brasileira é uma inovação no atendimento às mulheres. **O objetivo é oferecer serviços humanizados e integrados de apoio à mulher que está em situação de violência.** Na Casa, você terá acesso a equipes especializadas em diferentes áreas, como: apoio psicossocial, delegacia de polícia, postos do Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios e do Ministério Público do Distrito Federal e Territórios, Defensoria Pública; promoção de autonomia econômica, cuidado das crianças – brinquedoteca; além de alojamento de passagem e central de transportes.

Endereço: SGAN 601, lote J, Asa Norte, atrás do SERPRO, na L2 Norte.

Telefones: (61) 3224-6508/(61) 3225-2429

Horário de Funcionamento: todos os dias da semana, das 8 às 20h

CENTROS ESPECIALIZADOS DE ATENDIMENTO À MULHER (CEAMs)

Os Centros Especializados de Atendimento à Mulher são integrantes do Programa de Prevenção e Enfrentamento à Violência contra Mulheres. **O objetivo central é promover a ruptura da situação de violência e construir cidadania por meio de atendimentos interdisciplinares. Nos CEAMs, você terá acesso a atendimento psicológico, social e jurídico bem como orientação e informação.**

Os Centros Especializados de Atendimento à Mulher estão localizados em vários pontos do Distrito Federal e você pode escolher o mais próximo à sua casa.

Endereços e telefones:

Estação de Metrô 102 Sul – Asa Sul – Brasília
Telefone: (61) 3323-8676

QNM 2, conjunto F, lotes 1/3 – Ceilândia Centro
Telefone: (61) 3372-1661

Jardim Roriz, entrequadras 1/2 – Área Especial – Planaltina
Telefone: (61) 3389-0841

Horário de funcionamento: das 8 às 20hs



O 180 é um canal direto de orientação sobre direitos e serviços públicos para as mulheres de todo o Brasil, que funciona 24h por dia, 7 dias por semana.

Com uma ligação, você pode ser orientada, tirar dúvidas e contar sua história! A ligação é gratuita. Se quiser, você pode também utilizar o aplicativo para celular chamado CLIQUE 180.

MEDIDAS PROTETIVAS DE URGÊNCIA (MPUs)



As MPUs são medidas judiciais que podem ser solicitadas pelas mulheres em situação de violência doméstica e familiar ainda na delegacia, no momento do registro do Boletim de Ocorrência - BO. Segundo recentes decisões dos tribunais, caso a vítima não queira registrar uma ocorrência criminal, **mas tenha necessidade de proteção, é possível o deferimento de Medida Protetiva de Urgência.** Além disso, as medidas aplicadas podem variar de acordo com a gravidade da situação.

EXEMPLOS DE MEDIDAS PROTETIVAS DE URGÊNCIA

EM RELAÇÃO AO AGRESSOR:

- afastamento do agressor do lar;
- suspensão da posse ou restrição de posse de armas do agressor;
- proibição de aproximação do agressor seja da vítima e/ou dos familiares dela com limite de distância mínima;
- proibição de o agressor ter contato com a vítima e seus familiares por qualquer meio de comunicação, como telefone, e-mail, whatsapp etc.
- proibição do agressor de frequentar determinados lugares;
- restrição ou suspensão de visitas do agressor aos filhos ou aos demais dependentes.

EM RELAÇÃO À VÍTIMA:

- encaminhamento para programa de proteção ou atendimento;
- pagamento de pensão alimentícia para a mulher e/ou aos dependentes;
- o juiz pode tomar providências para que o patrimônio das partes seja resguardado.

IMPORTANTE!

O juiz pode decretar a prisão do agressor preventivamente ou se ele descumprir as Medidas Protetivas de Urgência.



A MULHER NEGRA vive uma situação ainda mais desafiadora, uma vez que ela sofre tanto com o machismo quanto com o racismo ao longo de sua vida.

Precisamos entender o impacto que a escravidão teve e ainda tem no Brasil. Durante o período colonial, houve um processo de desumanização de pessoas negras, que eram tratadas como mercadoria. As mulheres eram vistas como objetos sexuais dos senhores, sendo frequentemente vítimas de violência física e sexual. Elas eram submetidas a trabalhos

forçados nas lavouras, trabalhavam no serviço doméstico e como amas de leite.

As leis mudaram, mas a sociedade se acostumou a ver mulheres negras como pessoas que nasceram para servir. Elas ainda são comumente vistas como objetos sexuais pelos seus parceiros, que são os principais agressores, e encontram grandes dificuldades no processo de ascensão social e profissional. A profissão de trabalhadora doméstica é ocupada em grande parte por mulheres negras. Apenas recentemente foram conquistados direitos trabalhistas que lhes permitiram serem vistas como profissionais, e não como extensão da família. A própria mídia (novelas, filmes, revistas) ainda representa a mulher negra quase sempre como empregada doméstica ou como uma mulher sedutora e/ou sensual, raramente mostrando-a em um contexto de privilégio social ou intelectual.

O racismo é um problema real e, somando-o à violência de gênero, torna as mulheres negras um grupo duplamente vulnerável. Sessenta por cento das mulheres vítimas de violência doméstica no Brasil são negras mas, enquanto o assassinato de mulheres brancas diminuiu, o de mulheres negras aumentou muito*.

Precisamos considerar o racismo como um fator fundamental da violência contra as mulheres negras no nosso país!

*Entre 2003 e 2013, os assassinatos de mulheres brancas caíram 9.8% enquanto os assassinatos de mulheres negras aumentaram 54.2%. Fonte: Mapa da Violência 2015.

FICHA TÉCNICA

Composição Administrativa da Defensoria Pública do Distrito Federal

Defensor Público Geral: Ricardo Batista

Núcleo de Atendimento Jurídico da Mulher

Coordenadora: Dulcielly Nóbrega – Defensora Pública

Responsável Técnica: Márcia Rodrigues dos Santos

Composição Administrativa do Ministério Público do Distrito Federal e Territórios

Procurador-Geral de Justiça: Leonardo Roscoe Bessa

Núcleo de Gênero Pró-Mulher

Coordenador: Thiago André Pierobom de Ávila – Promotor de Justiça

Promotoria de Justiça do Riacho Fundo

Coordenadora: Liz-Elaine de Silvério e Oliveira Mendes - Promotora de Justiça

Responsáveis técnicas:

Ednair Macedo Alves

Izís Moraes Lopes dos Reis

Júnia Marise de Oliveira Cotta Castro

Solange Maria da Silva Félix

Composição Administrativa da ONU MULHERES

Nadine Gasman

Responsável Técnica: Luana Grillo

Composição Administrativa da Secretaria de Estado do Trabalho, Desenvolvimento Social, Mulheres, Igualdade Racial e Direitos Humanos

Secretário de Estado: Joe Carlo Viana Valle

Secretaria Adjunta de Políticas para as Mulheres, Igualdade Racial e Direitos Humanos

Secretário Adjunto: Carlos Alberto Santos de Paulo

Subsecretaria de Políticas para Mulheres

Subsecretária: Silvana Matilde Santos Silva

Responsáveis técnicas:

Janaína Ferreira Bittencourt Pereira

Renata Parreira Peixoto

Uila Gabriela de Oliveira Cardoso

Composição Administrativa do Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios

Desembargador Getúlio de Moraes Oliveira

Presidente

Desembargadora Carmelita Indiano Americano do Brasil Dias

1ª Vice-Presidente

Desembargador Waldir Leôncio Júnior

2º Vice-Presidente

Desembargador Romeu Gonzaga Neiva - Corregedor

Coordenação administrativa NUPECON:

Patrícia Saad Soares Braga

Amanda Paula Rêgo do Nascimento

Coordenadores do Centro Judiciário da Mulher em Situação de Violência Doméstica e Familiar CJM:

Juiz Ben-Hur Viza

Juiz Carlos Bismarck Piske de Azevedo Barbosa

Supervisores do CJM:

Cristiane Moroishi

João Wesley Domingues

Responsáveis técnicas:

Marcia Maria Borba Lins

Regina Lúcia Nogueira

Colaboração:

Ana Julieta Teodoro Cleaver

Carol Rossetti

Elaine Claudina dos Santos

Joyce Morato de Sousa Maia

Miriam Cássia Mendonça Pondaag

Renata Melo Barbosa do Nascimento

Thays de Souza Nogueira

Projeto Gráfico, Ilustrações e Direção de Arte:

Carol Rossetti

Apoio: ONU MULHERES

Revisão: Núcleo de Revisão Textual do Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios

Termo de referência: Defensoria Pública do Distrito federal; Ministério Público do Distrito Federal e Territórios; ONU MULHERES; Secretaria Adjunta de Políticas para as Mulheres, Igualdade Racial e Direitos Humanos; Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios. Cartilha de enfrentamento da violência doméstica e familiar. Brasília-DF, 2016.

“Meu namorado não me deixa sair de casa sozinha”.

“Meu pai já me bateu algumas vezes”.

“Ela disse que era tudo culpa minha”.

“Meu chefe já me assediou sexualmente”.

“Ele era ciumento e controlava minhas roupas”.

“Minha irmã usava meu cartão de crédito escondida”.

“Mas foi só uma vez, ele é um cara legal”.

VOCÊ JÁ PAROU PRA PENSAR SOBRE O QUE É VIOLÊNCIA?

Realização:



CENTRO
JUDICIÁRIO
DA MULHER
TJDF



Apoio:

